



Território envolvente MESAS DO CASTELINHO



Contactos úteis:

N.º nacional de incêndios · 117

N.º nacional de socorro · 112

CNR · 286 660 050

Bombeiros · 286 660 140

Posto de Turismo de Almodôvar · 286 662 057

União de Freguesias de Santa Clara-a-Nova
e Gomes Aires · 286 474 393

Câmara Municipal de Almodôvar · 286 660 600

Mais informações em

www.mesas-castelinho.cm-almodovar.pt

Promotor:



Colaboração:



Cofinanciado por:



Museu Arqueológico e Etnográfico Manuel Vicente Guerreiro

Espaço museológico centrado nas memórias e tradições da região, transporta-nos para outros tempos, retratando cenários associados às profissões e atividades tradicionais desta freguesia. Podemos encontrar réplicas da venda/taberna, da escola e de uma casa tipicamente alentejana, entre muitas outras. Possui uma zona dedicada à arqueologia, onde se encontram expostos alguns dos achados provenientes do Sítio Arqueológico das Mesas do Castelinho.



Igreja Paroquial de Santa Clara-a-Nova

Monumento provavelmente edificado entre os séculos XVI e XVII, possui no seu interior altares de talha barroca de cariz popular. A sua torre sineira foi remodelada no séc. XVIII como ilustra o traço arquitetónico do campanário. No exterior existe uma lápide comemorativa da sua construção.



Medronheiro

O medronheiro (*Arbutus unedo*), espécie autóctone característica da bacia mediterrânica, ocorre de forma espontânea no subcortado de bosques de sobreiro e azinheira. A sua época de floração ocorre em simultâneo com o amadurecimento e queda dos frutos do ano anterior (outubro-março). O seu fruto é aproveitado maioritariamente na produção de aguardente, a principal razão do interesse económico deste recurso silvestre.



Moinho de água da Rocha

É um dos muitos moinhos que povoavam o curso do rio Mira e foi o último a funcionar nas redondezas, já na década de 90 do século XX. Encontra-se restaurado, mantendo a levada funcional, no entanto, o açude está danificado. Tinha uma ordem de mós e funcionava na altura das chuvas, quando o caudal da água era suficientemente forte para a laboração, sendo o seu último moleiro João Alvino, morador no Monte da Boavista, onde trabalhava num moinho de vento durante o verão.



Roseiras bravas e loendros

Típicas das galerias ripícolas dos rios e ribeiras de regime torrencial intermitente, os loendros (*Nerium oleander*) e roseiras-bravas (*Rosa sp.*) dão cor a estas zonas de frescura constantemente verdes na paisagem alentejana. As suas flores, que variam entre o branco, o rosa e o vermelho, surgem ao longo da Primavera e Verão.

Perdiz

Espécie frequentemente avistada por estes caminhos, a perdiz (*Alectoris rufa*) é comum em zonas de campos abertos salpicados com árvores dispersas e vegetação arbustiva. É uma das principais presas da maioria dos predadores da Península Ibérica, nomeadamente, a raposa e o linco-ibérico, sendo de vital importância para estes habitats. De grande relevância para a atividade cinegética na região, caracterizada pela caça-menor, a perdiz é alvo de programas de gestão populacional a cargo de algumas zonas de caça.



Forno de telhas

Telheiro abandonado há muito, a sua localização devia-se à existência de barro na zona, bem como a lenha e água que abundavam nas proximidades. Tinha uma produção de telhas de caráter familiar, que se destinava essencialmente à freguesia. Mantém o forno, com a estrutura de pedra de xisto, material utilizado nas construções locais, desde épocas ancestrais até meados do século XX adentro, por inerência da geologia da região.

Galerias ribeirinhas

Tipicamente ocupadas por salgueiros (*Salix sp.*) e choupos (*Populus sp.*), as galerias ribeirinhas ao longo do rio Mira destacam-se na paisagem, coloridas pelos loendros (*Nerium oleander*), tamarizes (*Tamarix sp.*), silvas (*Rubus sp.*) e roseiras-bravas (*Rosa sp.*). Os cursos de água são chamariz de diversas espécies de aves, como cartaxos (*Saxicola torquata*), gaios (*Garrulus glandarius*) e pegas azuis (*Cyanopica cyana*).

Ruínas do moinho de água do Pego das Éguas

Era um grande moinho com duas ordens/casais de mós que funcionavam ao mesmo tempo. Atualmente, detetamos a estrutura das paredes em pedra, mas as mós foram retiradas. As levadas e o açude ainda recordam os tempos idos, em que as mulas carregavam os sacos de trigo até ao sítio e, no regresso, a farinha resultante da ação da força das águas que movia as pesadas mós.

Montado de azinho

O montado de azinho (*Quercus rotundifolia*) domina a paisagem, dando lugar a bosques e azinhais nos terrenos mais declivosos. Às azinheiras juntam-se as espécies arbustivas, características dos bosques mediterrânicos, tal como a esteva ou a roselha (Género *Cistus*). São áreas maioritariamente utilizadas para o pastoreio extensivo de bovinos e pequenos ruminantes (ovinos e caprinos) para produção de carne e leite (usado na produção de queijo).



Atividade apícola

A atividade apícola é uma das principais atividades económicas associadas à exploração dos recursos silvestres desta região. Os matos mediterrânicos e montados associados a muitas outras espécies da flora autóctone, constituem a matéria-prima para a produção de vários tipos de mel de elevada qualidade, bem como outros produtos da colmeia em crescente expansão.



Necrópole do Monte Branco

Monumento funerário circular da Idade do Bronze final e ao qual se lhe encostaram outras sepulturas em forma de cista. Estaria assinalado a nascente por uma estela da qual se preservou apenas a base. A 400 metros do posterior povoado das Mesas do Castelinho, o monumento destaca-se na primeira linha de cumeeada que separa a serra e a planície.



Abelharuco (*Merops apiaster*)

Caracterizado pelo exótico leque de cores da sua plumagem (castanho, amarelo, azul, verde), o abelharuco é inconfundível. Espécie migratória que frequenta estas paragens durante o período estival, entre abril e setembro. O abelharuco é relativamente fácil de observar se nos mantivermos atentos aos fios telefónicos ao longo dos caminhos e estradas, onde pousa frequentemente.



Sítio Arqueológico Mesas do Castelinho

Povoado fortificado da 2ª Idade do Ferro (século IV a.C.) que ganha importância no período Romano-Republicano (século II a.C.). Abandonado com a reorganização administrativa romana imperial, foi posteriormente repovoado em época Islâmica (séc. IX/XII). Numa área total de 4 hectares de vestígios arqueológicos, é um lugar central para a compreensão da Idade do Ferro no sul de Portugal e a romanização do território. Classificado como Imóvel de Interesse Público.



Olival tradicional

Desde tempos que se perdem na memória que a produção de azeite e azeitona faz parte das tradições rurais de todo o Alentejo, enriquecendo a famosa dieta mediterrânica. Aqui, é possível observar ainda pequenos olivais tradicionais que faziam parte das explorações agrícolas típicas da freguesia.



Fonte Velha

Originalmente era uma típica fonte em pedra, sobre a qual a Junta de Freguesia construiu uma estrutura de alvenaria rebocada e caiada, com um sistema de captação mecânica. A água é afamada pela boa qualidade desde há muito, sendo daqui que levavam para beber na aldeia e vender pelas ruas da vila, transportada numa carroça com um pipo. As fábricas de pirolitos de Almodôvar, nos anos 40 e 50 do século XX, recorriam igualmente a esta água, dado os proprietários considerarem que era "a melhor da região".



MESAS DO CASTELINHO

Território envolvente

Vias

- Percurso pedestre
- Início e fim do percurso junto à Igreja Paroquial de Santa Clara-a-Nova
- Direção do percurso
- Estrada alcatroada
- Caminho de terra
- Cursos de água

Património cultural e natural

- Museu Arqueológico e Etnográfico Manuel Vicente Guerreiro
- Igreja Paroquial de Santa Clara-a-Nova
- Medronheiro
- Moinho de água da Rocha
- Roseiras bravas e loendros
- Perdiz
- Forno de telhas
- Galerias ribeirinhas
- Ruínas do moinho de água do Pego das Éguas
- Montado de azinho
- Atividade apícola
- Necrópole Monte Branco
- Abelharuco
- Sítio Arqueológico das Mesas do Castelinho
- Olival tradicional
- Fonte Velha

Sinalização ao longo do percurso pedestre

- Caminho certo
- Caminho errado
- Virar à direita
- Virar à esquerda

Sinalética em suportes de madeira ou aproveitando estruturas existentes (postes de eletricidade, muros, etc.)



Percurso
Do Mira às Mesas do Castelinho

Extensão
Cerca de 10 km

Duração aproximada
Cerca de 3h30m

Grau de dificuldade
Baixo

Época aconselhada
Primavera, Outono e Inverno

Localização
Concelho de Almodôvar, União de Freguesias de Santa Clara-a-Nova e Gomes Aires

Curiosidade
Em alguns pontos, o percurso é comum com um percurso de BTT